

Um Pensamento Infame¹

Paulo Vaz

Esta tese, que trata do pensamento de Foucault, é o resultado do desdobramento de dois problemas e da paixão pela idéia de liberdade.

A primeira pergunta é : o que pode ser a filosofia hoje ? A presença do « dêitico » *hoje* já indica a suposição de que a filosofia não é uma atividade do pensamento que lida com problemas eternos, problemas que surgem naturalmente desde quando se começa a pensar. Na tese, essa pergunta foi colocada sob duas perspectivas. Na primeira, procura-se discutir as implicações para o próprio pensamento, da necessidade tipicamente moderna de fazer história da filosofia, isto é, da necessidade que aquele que pensa tem de comentar um autor. O objetivo da discussão não é o de denunciar a carência de vigor de uma filosofia já tão envelhecida que só pode, e deve, voltar-se sob si mesma e dizer uma vez mais o que já tinha dito. Talvez a história ainda seja o incontornável do nosso pensamento; neste caso, mais vale indagar como as noções de autor e comentário restringem o acaso do discurso, a possibilidade, que lhe é inerente, de produzir a diferença e de fazer pensar. A segunda perspectiva, é, na realidade, uma aposta, um desejo : Foucault teria aberto um caminho possível e atraente para a filosofia contemporânea. De certo modo, o corpo da tese pretende justificar, ou melhor, persuadir outros a fazerem a mes-

ma aposta. Vê-se também que o fascínio pelo pensamento de Foucault foi condição necessária para a produção da tese : talvez ela não seja nada além de uma composição de fragmentos do que ele disse e que me encantavam, me deixavam perturbado ou me divertiam muito.

A segunda questão é : por que a prática filosófica de Foucault tomava a forma de estudos históricos ? O modo como a questão foi pensada corresponde à divisão do capítulo único da tese.

No final de sua vida, Foucault posicionou-se como o continuador de uma tradição, aquela que procura preservar um *ethos* iluminista. Aceitando o surpreendente em tal posicionamento, a tese procura, nas duas primeiras partes, discernir qual é o problema que dá unidade a diversos pensadores e que os levou a uma reflexão sobre a história. Essa tradição interroga o presente como diferença na história, indaga o que está acontecendo agora a nós, nós que talvez não sejamos nada mais e nada além do que acontece atualmente.

O passo seguinte, necessário para precisar o lugar do pensamento de Foucault, foi o de marcar o modo como ele se recusa a interrogar o presente, que seria apreendê-lo como retorno do fundamento-origem. Se o presente é visto como tal retorno, a história será uma que narra a luta de uma humanidade por emancipar-se,

ou ainda, para reencontrar-se com sua essência, seu fundamento. História que supõe o presentismo tanto na relação presente/passado — se a história é essa luta, aqui é como lá —, quanto na relação presente/futuro, pois mesmo se no presente a emancipação ainda não se realizou, apenas se a antecipa e a fomenta, nós pelo menos já sabemos alguma coisa sobre o lugar que a humanidade deve habitar quando tornar-se idêntica a si mesma. Dois modos de tratar o material histórico daí derivam: a continuidade do tempo e a hermenêutica que, ao aproximar o que se apresenta distante, garante essa continuidade. O presente como retorno da origem implica ainda uma certa concepção de crítica, dá uma tarefa para o pensamento: ele deve funcionar na distância entre o homem enquanto fundamento e o homem enquanto um ser histórico determinado ou, o que dá no mesmo, ele opera na tensão entre a particularidade, o acaso e a opacidade do presente e a universalidade, a autodeterminação e a transparência do futuro. Permite, pois, por fim, ao intelectual mover-se a partir e no elemento do universal, denunciando a nós e em nós o esquecimento de nossa essência no qual estaríamos imersos.

Como a recusa de temática de origem é decisiva em seu pensamento, Foucault necessitou modificar todas essas características. Na quarta parte, discute-se a mudança no princípio ontológico que vai sustentar todas as outras modificações. Para se afastar de uma filosofia do sujeito, Foucault inventa uma filosofia da relação. Tal concepção « superficial » do que é histórico — só existem máscaras — está contida na noção paradoxal de *a priori* histórico, onde o condicionante, por definição, não pode ser maior do que o condicionado. Para se perceber a « profundidade » dessa escolha teórica, é preciso lembrar que Foucault faz uma história da verdade. Ele descreve, em vários livros, a constituição histórica e o fundamento dos saberes que hoje detemos sobre o sujeito,

apenas para retirar-lhes a aparente necessidade. Nós, para nos constituirmos em nossa autonomia, não precisamos, justo o contrário, recorrer a saberes que formulam leis acerca de nós mesmos. Mas para alcançar tal intento, além de afirmar um carnaval no tempo, é necessário também supor que não há continuidade na história: contra a interioridade das indefinidas teleologias, que procuram dar estabilidade às crenças atuais, afirma-se a exterioridade do acidente, supõe e descreve descontinuidades.

Na quinta parte, a tese discute uma das dificuldades maiores na compreensão do pensamento de Foucault. Quando se postula a exterioridade das máscaras e do acaso, assume-se a particularidade do que se pensa. Como então evitar o *presentismo*, tão característico da temática da origem? Como evitar projetar retrospectivamente sua « visão de mundo » sobre acontecimentos do passado? É preciso notar, primeiro, que o presentismo a ser evitado é o que tenta dar estabilidade a alguma verdade — crenças, todas elas — que hoje vigora. Além disso, o presente como diferença na história, deixando de ser apreendido como retorno da origem, implica que se há bem pouco tempo algo era evidente, hoje tornou-se problemático, o que permite investigar o passado para saber como essa evidência foi constituída e, assim, dela nos libertarmos. Dito de outro modo, é através de uma descontinuidade na história que a história, a nossa, pode se oferecer como objeto do saber. Se a crítica associada à temática de origem operava na distância entre o homem e o que ele deveria ser, a crítica em Foucault funciona na distância entre o que hoje somos e o que podemos ser, dado que hoje tornou-se problemático o que até bem pouco era evidente e que nos dava um certo modo de ser.

Por ter modificado a noção de crítica, Foucault propõe uma outra postura ética, a qual é discutida na sexta parte. Como não pode mais se acomodar a

algum pretensão universal, ele problematiza a relação entre o intelectual e os outros. Além de não falar em nome de ninguém, não pode propor alternativas, indicar objetivos, ou meios adequados de atingi-los. Para Foucault, o real se transforma não quando os reformadores apresentam suas propostas, mas quando aqueles que querem transformá-lo encontram-se impossibilitados de repetir determinados gestos e palavras e, assim, obrigados a reproblematicar o real. A função do intelectual é justamente a de abalar evidências. Entretanto, o mais decisivo é a relação entre o intelectual e o acontecimento, pois aí Foucault discute o que pode ser o pensamento. Se o necessário é acolher o que rompe o fio do tempo — sua história supõe uma descontinuidade —, pensar é acolher o que ainda não se consegue pensar, aquilo para o qual não se tem resposta, sem procurar dar uma, mas permanecendo « em resposta ». Quando pensamos, não podemos prejudicar, não podemos assegurar-nos, permanecer em lugar fixo; pelo contrário, o intelectual deve desconfiar de suas próprias evidências, procurar desreferenciar-se, desencaminhar-se.

A partir daí, delinea-se a possibilidade de pensar uma noção de liberdade em Foucault. Primeiro, deve-se dissociar a liberdade de qualquer verdade sobre a natureza humana. Assim, essa noção em

Foucault se opõe à noção de liberação : a emancipação de uma essência humana que teria sido recalcada na história. Antes de ser um liberar algo, é um libertar-se de algo : se as novas possibilidades de vida que se decortinam no presente ainda estão vinculadas a um certo modo de se problematizar o sujeito, a liberdade pode ser entendida como o desengajamento dessas novas possibilidades de seu antigo nexos.

Disse inicialmente que a tese também era fruto de uma paixão pela idéia de liberdade, da necessidade que sentia em pensar uma liberdade não-universalizável, histórica e sempre inacabada, processual. Por um lado, na tese, essa idéia apresenta-se como consequência necessária da reflexão sobre a história em Foucault; mas, por outro lado, pode-se supor que a seleção dos temas e do seu encadeamento foi suscitada por uma paixão que desde o início guiava a escolha e a organização. Não que essa idéia não caiba no pensamento de Foucault, nem tampouco que ele não fizesse referência explícita a esse conceito — ele o fez —; apenas que o lugar que a idéia de liberdade ocupa no corpo da tese (consequência, e, como tal, princípio organizador) talvez não fosse o mesmo que Foucault teria dado. Porém, é necessário não esquecer que ele se autodenominou, para surpresa de muitos, iluminista.

1 Tese de mestrado aprovada pelo Departamento de Filosofia da PUC-Rio.

KANT-FORSCHUNGEN

Herausgegeben von Reinhard Brandt und Werner Stark

Das Kant-Archiv am Institut für Philosophie der Universität Marburg hat sich zum Ziel gesetzt, alle Kantischen Handschriften und die Mitschriften seiner Vorlesungen aufgrund historischer Indizien nachzuweisen und die noch erhaltenen Materialien der Kantforschung zugänglich zu machen. Verbunden damit ist das Bemühen, durch die Reihe "Kant-Forschungen" die Grundlagen für die notwendige partielle Revision schon edierter Schriften zu liefern und für die noch ausstehenden Vorlesungseditionen eine gesicherte historische Basis zu schaffen.

Band 3: Immanuel Kant

Bemerkungen in den "Beobachtungen über das Gefühl des Schönen und Erhabenen" (1764)

Neu herausgegeben von Marie Rischmüller.

1990. Ca. 288 S. Kart. ca. 86,- (in Vorbereitung)

Kants Notizen in seinem Exemplar der *Beobachtungen über das Gefühl des Schönen und Erhabenen* von 1764, die bei ihrem ersten Herausgeber den Eindruck erweckten, es handle sich dabei um ergänzende Reflexionen, werden hier als unabhängige rhapsodische Überlegungen vorgestellt. Die Notizen und Skizzen, Entwürfe und Gedankenspiele werden in ihrer ursprünglichen Gestalt wiedergegeben. Einleitung und Kommentar führen in das weite Netz literarischer Vorlagen ein, bei deren Lektüre Kant diese "Nebengedanken" niederschrieb. Hier wird der philosophischen Forschung umfangreiches und neues Material zugänglich gemacht, das dem Interpreten ermöglicht, den Verästelungen der Assoziationen Kants nachzugehen. In diesem einmaligen Dokument seiner Arbeits- und Denkweise, seiner zentralen Gedankenmotive und psychischen Antriebskräfte erschließt sich die ganze Fülle der von Kant behandelten Problemkreise Ästhetik, Rechtsphilosophie und Anthropologie. Deutlich werden zudem die mittelbaren und unmittelbaren Bezüge zu zeitgenössischen Diskussionen, anderen philosophischen Texten und zum Werk des "kritischen" Kant. Diese neu erschlossene Quelle erleichtert sowohl die kritische Auseinandersetzung mit kantischen Ideen als auch das Verständnis der Person Kants.

Es liegen bereits vor:

Band 1: Neue Autographen und Dokumente zu Kants Leben, Schriften und Vorlesungen

Herausgegeben von Reinhard Brandt und Werner Stark.

1987. X, 292 S. Kart. 86,-

Band 2: Bernd Ludwig

Kants Rechtslehre

Mit einer Untersuchung zur Drucklegung Kantischer Schriften von Werner Stark.

1988. VI, 192 S. 0728-1. Kart. 86,-

Originais produzidos a laser no
Departamento de Engenharia Mecânica da PUC-Rio.
Impresso na Oficina Gráfica desta mesma Universidade
em Setembro de 1990.

Aos colaboradores

1. As colaborações para esta revista devem ser enviadas em três cópias para o seguinte endereço :

Departamento de Filosofia — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rua Marquês de São Vicente 225, 1149 L., 22453, Rio de Janeiro, RJ.

2. Os artigos enviados devem ser datilografados ou impressos em espaço duplo, sem uso do verso do papel e, em princípio, devem constar de, no máximo 30 laudas (30 linhas com 70 batidas por linha). A editoria se reserva o direito de, excepcionalmente, aceitar trabalhos que excedam esse limite.

3. Não há obrigatoriedade de que o artigo não tenha ainda sido publicado. Em caso de prévia publicação da colaboração que nos for enviada, solicitamos que seja citado o nome e data da publicação onde originalmente apareceu, e que haja a devida aceitação de seus editores.

4. Os artigos devem ser precedidos por um resumo em francês ou inglês.

5. Artigos em espanhol, francês e inglês também podem ser submetidos.

6. Os autores serão informados sobre a aceitação de seus artigos. Essa aceitação, entretanto, não implica necessariamente na publicação no número seguinte ou em algum número determinado da revista.